

ALBUM

do Sremio Litterario "Frei Miguelinho"

DIRECTOR
J. Gotthardo Netto

SECRETARIO
Americo Lopes

GERENTE
Hildebrando Ba ros

Anno I — Natal, 14 de Julho de 1902 — Num 3

PROSPECTO

O Album será publicado duas vezes por mez e assignar-se-ha a 1\$000 por trimestre, pagos adiantadamente.

Redacção e Officinas:
Rua «Voluntarios da Patria» n.1

ALBUM

Queda da Bastilha

*Há dias grandes na historia
que valem seculos de luz,
Triumphos que se assemelham
Aos sacrificios da Cruz!*

SEGUNDO WANDERLEY.

Há factos na vida da humanidade, que por mais remotos que sejam não passarão jamais desaperecebidos, já pela sua grandeza, já pela gloria com que cobriram esta mesma humanidade! — A queda da Bastilha esta neste caso.

O povo francez, este povo heroico e civilizado, depois de supportar um soffrimento atroz de mais de quatrocentos annos que lhes impunham as algemas endurecidas com o aviltante despotismo dos soberanos, atirou para um lado os preconceitos vis e calcancos aos pés a purpura dos reis, portadoras de uma tyrania absoluta, demoliu este poste ignominioso onde gemiam suas dores os gloriosos filhos da França, da Cidade-Luz, como a chamou um auctorizado escriptor contemporaneo, só tendo por consolo os raios sarcasticos de uma tyrania mais propria da idade barbara do que de uma civilização moderna.

Queda da Bastilha!

Este acontecimento foi tão sublime e magnanimo que emocionou o mundo inteiro; e a sua queda foi tão grande que abalou os rijos alicerces das luxuriantes Tulherias...

O pavilhão tinto de sangue pela auctoracia não trimumulará jamais sobre a cabeça heroica e gigante do povo da Patria de Victor Hugo.

O absolutismo dos reis extinguiu-se para sempre das cumieadas placidas da cidade de Paris tão civilizada, tão nobre, tão altruistica que serve de exemplo para todas as nações!

Não será somente a França que se orgulhará de este tão grande acontecimento; todas as nações civilizadas, se curvarão hoje para deixar passar por entre as cortinas alvas da civilização moderna, a imagem sacrosanta do Progresso, oppressa tantos annos de baixo de um posto de aviltamentos, donde não saheria talvez, se a coragem dos martyres não o demolissem heroicamente.

APOLIO MEBRAMART

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO RIO G. DO NORTE

Impulsionados por elevados sentimentos, attrahidos pelo poderoso ímã do Estudo—do Estudo que nobilita e fundamenta o sumptuoso edificio da humortalidade, uma circumpecta cohorte de guerreiros avezados ás pugnas incruentas da palavra, um felix de nomes altamente conhecidos na esphera das letras, acaba de dotar o Rio Grande do Norte com a mais preciosa dadiwa que pode permitir o mais ardente amor civic.

Despedaçando as fortes algemas do avassalador indifferentismo, vemos com assombro form r á vanguarda dos outros Estados da União o nosso refractario Estado, condemnado, até então, pelo seu pouco adiantado meio á uma penumbra tardia e prejudicial.

E a avaliar pelo grande desenvolvimento relativo que tem tomado as cousas n'estes ultimos annos, e a julgar pelo extraordinario vulto que tomam as ideas apenas aventuradas, é de crer que marchamos á conquista de novos horisontes, onde o sol da Civilização fulgirá em completo zenith, dardejando os seus fecundissimos raios por sobre craneos sedentos de luz, e a reflectir no calmo e limpido ceo da Patria as mais sublimes iriações.

O Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte, inaugurado sob os auspicios de coevas illustrações, veio corroborar ainda mais as nossas affirmações.

Esse foco de luz, estamos certos, ha de brilhar intensamente e com a mesma fixidez, á apontar para o futuro, o caminho adamantino da gloria.

D'essa officina, onde o malho do Trabalho bate violentamente na bigorna do—Estudo, ha de rebentar a rubra scintella do Progresso—nobre aspiração de seus obreiros.

Sem auctorisação e sem mercemimento é a nossa voz em tão solemne occasião; mas obdecendo menos aos impulsos do cerebro delicado que aos impetos do coração que pode avaliar as grandes causas,—do coração que colloca os interesses de sua patria acima do que é vulgar, vimos exarar n'estas illegíveis linhas as expressões do mais acrysol do patriotismo e render um sincero voto pela progressiva prosperidade de tão util empresa:

—Que o Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte possa constituir um grandioso obelisco, digno da admiração dos posteriores,—alta recompensa do seus iniciadores.

Natal—4—7—1902,

PAULO DA SILVA

COLLABORAÇÃO

A conquista do ar

Pascal, acreditando no progresso infinito das faculdades humanas, dizia que a humanidade era um só homem, que subsistia sempre e que sem cessar aprendia.

E quem é que hoje não acredita no progresso infinito da sciencia?

Os seculos são dias para a historia da humanidade; portanto, quem poderá prever o dia de amanhã?

O progresso segue na sua marcha a lei da queda dos corpos, cuja velocidade cresce proporcionalmente na razão directa de sua altura.

Na propria essencia do seu ser, possui o homem uma sede inextinguível de saber, uma ambição louvavel de melhoras; e assim vai, de conquista em conquista, attingir ao grão de perfeição que a ninguem é dado avaliar em que extremo consiste.

O orbe inteiro era para a sciencia humana um thesouro á poscul.—com seus mysterios seductores, com suas profundezas desconhecidas, com seus espaços intangíveis.—

E o homem foi, passo á passo, apoderando-se d'esses terrenos que outr'ora pareciam inconquistaveis, e de descoberta em descoberta, realisará por completo o seu dominio sobre a natureza.

Assim—na terra—penetrou nas florestas virgens, desvendando-lhes os segredos; traçou estradas nas inextricadas immensidades dos desertos e nas cerradas vastidões dos bosques,

Por toda a parte a locomotiva rasgou o seio da terra, e—sob extensos tuncels como sobre immensos viaductos—o homem triumphando em rapidez dos mais velozes irracionaes. Depois, como lhe occultasse a terra as suas riquezas subterraneas, conseguiu penetrar em suas entranhas, e eil-o descobrindo as mais secretas minas, cavando e profundezas, chegando á recessão de ir encaid por camada, a primitiva formação da crosta terraquea.

No mar—succederam-se ás primeiras embarcações bapaltonada pelas remos, os navios de vela, os paquetes á vapor; e o homem ruleou em todas as direcções esse vasto elemento. E não satisfeito ainda com possuir a facultade de encaminhar-se á seu talante em todas as direcções, quiz conhecer o seu interior: e lá, não descendo ás profundidades mar e profundezas, e, com o auxilio do compasso, folheando as mais recordadas paginas d'esse livro que resume talvez a metade do universo.

Peltava ainda conquistar a atmosphera. Depois de ter preseructado os astros, com o telescópio e outros instrumentos que lhe permittim traçar o seu planeta, fecti o homem que esse espaço ao seu alcance estava ainda fora do seu dominio.

De tentativa em tentativa, dia por dia, passando do telegrapho ao aerostato, emprehendeu pela terceira vez a conquista. E eis que hoje é uma realidade—o telegrapho sem fio—E eis que hoje é um facto—a dirigibilidade dos aerostatos!

Si a gloria d'esta ultima conquista não pertence *ex ligurmente* aos Brasileiros, é porque pertence á Humanidade inteira...

Mas não é menos exacto que os Brasileiros tem hoje á aureolar-lhes o nome todo o esplendor da descoberta feita por Sacres Dumont e Augusto Leveiro, não faltando sequer á essa aureola nem a enternecedora poesia do martyrio, pois que se o emprehendimento de Augusto Severo não terninou obtendo por completo o estrondoso exito de uma jubilosa victoria—terdo vindo interromper o vôo, com que se pensa nas cumladas da gloria, a mais lamentavel esta trophe,—é verdade triz em que esse morto, de hélice derrubado no apogeu do seu triumpho, teve o resultado de imprimir mais fundo ainda a convicção d'essa descoberta e dar maior realce ao nome brasileiro.

Junho—1902

U. G.

Serjamento

Se és homem, pede a Deus que te dê intelligencia, talento e prudencia.

Se és mulher, pede-lhe virtude, pudor e modestia.

Mas se és doente, pede-lhe apenas saúde.

Francisco Gonçes de Ancrim

POESIA

(PAUL VERLAINE)

Eu não posso explicar
Porque meu pensamento angustiado
Busca a solidão do mar.
Meu coração de susto avassalado
—Desejo o foinho amado—
Vai no seio das vagas occultar.

Branca e triste gaivota silenciosa
Val minh'alma subtil num vôo traido,
E nas auras fugueiras se embalsando
Toca do leve a onda tumultuosa
Branca e triste gaivota silenciosa

Ebria de liberdade,
Tonta do sol nascente
Fende serena o azul da immensidade;
Sobre a vaga fulgente
A brisa matutina mansamento
Leva-a gemendo uma aria de saudade.

Ora soluça immersa em fundas maguas
E os seus gritos de dor ouvem-se alem...
Ora á mercê dos ventos e das aguas
Sergno a onda que vai, segue a que vem
E chora, chora immersa em fundas maguas!

Eu não posso explicar
Porque meu pensamento angustiado
Busca a solidão do mar
Meu coração de susto avassalado
—Desejo o foinho amado—
Val no seio das vagas occultar.

(De—Sigerse—)

ANNA NOGUEIRA BAPTISTA



Sonho de noiva

(IMPRESSÃO)

A Paulo da Silva

Quando ao piano, tu Clarisse tocas
Esta melodia sublime que amo tanto,
Eu sinto no alma palpitar n'un canto
As puras crenças que sorrindo invocas.

Como um preludio mystico e divino
Das lyras de Ceylão, n'alvo luar,
Tensso escutar, se feres de vagar
As finas cordas do piano fino!

Escismo e penso e delirando creio
Que tu és santa um anjo que me reio
Lá da Patria de Deus, terno e risonho...

E pensando, num extasis sublime:
Em cada nota que á minh'alma imprime
Julgo, meu Deus, ouvir teu proprio so-
[h]!

Natal—1902

ADOLIO MEBRAMART

Dr. Mebramart

Nos campos

(AO JOSÉ ANSELMO)

O sol caminhava em direcção do occaso a fim de deixar-nos naquelles isolados campos e envoltos nas dobras das pavorosas trevas. Eu, contemplando o maravilhoso espectáculo que se representava diante de mim, sonhava... sonhava que me achava em outras plagas mais risonhas ainda... Eu tinha destas chiméras que sempre preoccupam os espiritos juvenis!

Era, sim, a reminhança de scenas que descriptas por uns destes eruditos e inspirados poetas que dao á singeleza uma graça superior, serlan talvez um precioso poema.

De um e outro lado do caminho que á passo firme e rapido trilhava o meu cavallo, havia um basto parrasco que as rajadas o faziam vacillar de uma maneira tal, que o tornavam semelhante as bravias ondas de um oceano.

Pelas fortes lufadas que zumbiam aos meus ouvidos, era forçado a baixar aqui, e erzuar-se acolá, dividindo o vigor que nutria a sua haste bastante fragil.

Em vista do abalo mais ou menos agr davel que dava a marcha do meu possante cavallo e destes phenomenos que a cada passo me feriam a vista, povoava o cerebro de fulgurantes imaginações. A mais sublime idéa que, nestes instantes me occurria, era que estava acalentado pelos ternos olhares de uma deusa terrestre á bordo de um navio que mansamente sulcava as aguas de um oceano pacifico, livre de vistas indiscretas, recebendo do luar de Junho os fregidissimos osculos,

Pouco depois a noite me surpreheu e voei pôr termo ao sublime espectáculo que os meus olhos gozavam.

Tudo mais foi sepultado pelas trevas da noite...

Ao longe ouvia-se o mugir do gado e o cantar dos gallos. Era a villa para onde me dirigia

Jayme CUNHA

Do illustre cidadão dr. Pinto do Abreu, digno 1º secretario do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte, recebemos a seguinte comunicação:

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO RIO GRANDE DO NORTE

Natal, 15 de Junho de 1902

Illm. Sr. Presidente da Sociedade Litteraria "Frei Miguelinho."

De ordem do sr. Frey idente, tenho a subida honra de comunicar-vos que acaba de inaugurar-se esta associação, estando approvados seus estatutos.

tutis e eleito a primeira Direcção effectiva.

Que este acontecimento, pela sua alta significação, desperte nos corações brasileiros os estímulos de que carecem os que lutam pela Sciencia em bem da Patria.

Acceptao os protestos da mais sincera consideração.

Saúde e fraternidade.

F. Pinto de Abreu

1º Secretario.

Distante

Em desertos e placidos recantos,
Onde a vida é feliz e prazenteira,
Eu vi-te graciosa e feliz
Gentil Condessa dos affectos santos

E o amor, com seus éos sacrosantos,
A minh'alma tocou a vez primeira,
E tornou-a captiva, prisioneira,
De teu olhar aos magicos encantos.

Depois... parti, sentindo a desventura
Dilacerar-me cruel meu coração
Cheio de dor e pleno de amargura.

E hoje vivo sem te ver, Annita,
Soffrendo da saudade em solidão
A dor tyranna, a dor atroz, maldita.

Natal-Julho de 1902.

Lino FLORESTA

FUGITIVOS

Por entre os verdes ramos tortuosos
da floresta densa e lugubre, caminham
Jorge o Aníma, atraídos pelo extremo amor de seus corações
e pela dor profunda do desespero... Fugiam...

Na cupula azulina e vasta notava-se já alguns astros que com seus pallidos raios davam-lhe um certo ornato.

De um lado o tristonho pio do mecho indicando approximarem-se as horas do silencio, da tristeza, do mysterio; do outro lado o mugido compassivo do gado em busca de abrigo para seu repouso, faz relembrar os tempos ditos da innocencia, occultos nas sembras do passado.

O manto negro e espesso da noite envolve aos poucos a natureza viva... E os dois amantes já fatigados pelo muito caminhar, param sobre a herva verde de uma campina florida e tita pelo roelo cahido da noite. Aníma, com a face entre as mãos, atterrisada pelo silencio da noite, põe os joelhos delicados sobre aquelle nar

de verdura e faz a seguinte supplica á Virgem das Dores:

—Oh! Virgem Santa, amparae a vossa humilde devota...

E derriando o seu lindo e delgado corpo, cae nos braços de seu caro companheiro, foltando um profundo ai. Sua face é tão alva e fria como a nové.

Do subito, um vento furioso sopra com mais velocidade do que o *simoun* do Sahara e Aníma sobe com a sua Advogada, a Virgem das Dores, pela amplidão á fóra, foltando, como consolo, as seguintes palavras:

—Adeus, meu amado... Espero por ti na corte celestial.

VALENTIM DE SÁ

Idylia

Falla sempre, ri sempre,
canta sempre oh! creança
de meus sonhos.

E's como a estrella que rutilla ardente
N'um claro céu de cor opalescente,
De luzes cheia e cheia de fulgores!
Que quando fito n'esses teus olhos, filha,
Creio fltar á luz que ardente brilha
Dos dous egros do céu de meus sonhos.
(res.)

Quando fallas Idylia de meus sonhos,
Eu penso ouvir os passaros risinhos
N'um pipillar de lindas alegrias,
Quando no prado aligeros voando
Vão satisfeitos musicas cantando
N'um gorgeljar de doces harmonias.

Quando ris, esses labios pequeninos
Santos, nimbrosos, virgens, corallinos,
São como a flor as petalas abrindo,
Que sempre, sempre oh! lyrio perfumado
Desejo ver-te do prazer de gozo, (m so
Para fomite contemplar-te rindo.

Quando cantas, eu sinto satisfeito
O coração pulsar dentro do peito
N'uma excessiva e grata sensação!
E então a estrophe que repetes tanto
Eu penso ser o immaculado canto
Dos cherubins da celica amplidão.

Não se! dizer-te, angellear princeza,
O que tu és na magica belleza
Porquô a belleza descripção não tem;
Só sei dizer-te que tu és tão linda,
Que como tu não conheci ainda
N'este Universo de prazer—Ninguem!

João SOARES



SOUVENIR

Em tempos lidos quando o sol nasceia,
Com seu clarão illuminando o monte,
Bebia o orvalho que na noite havia
Cahido em gotas de celeste fonte.

E os passarinhos a saudar o dia,
Via-os cantando no verde horizonte;
Brindavam a aurora com tanta alegria
Que se gravava nesta minha fronte.

Com o pensamento sempre venturoso,
Da natureza o quadro contemplando,
A alma sentia transbordar de gozo.

E hoje... as aves que passam voando
Se ainda têm o seu cantar queixoso,
Já não me alegriam quando estão cantando.

Cyrol TAVARES

SUR LA TABLE

Agradecemos aos seguintes collegas da imprensa a honrosa visita que se dignaram fazer-nos:

Oasis.—O numero que temos á vista traz leitura variada e interessante, salientando-se porém, o bello artigo «A Paz do Transvaal» e o expressivo soneto «Augusto Severo», producção do esperançoso moço Cleoro Moura.

A Tribuna.—Revista do Congresso Litterario.

Oito de Setembro.—O louvavel propagandista e defensor da religião Catholica, sob as intelligentes direcção e redacção do virtuoso P.e João Maria C. de Britto e do talentoso conego J. Castro.

A Cidade.—Periodico semanal, publicado na adeantada e futura cidade do Agui, sob a redacção do talentoso moço Palmerio Filho, um dos esforçados propagandistas da instrucção, naquella cidade.

Agradecemos ao sr. Plinio Sant'Agosto, 1º secretario do Gremio Litterario "Le Monde Marché", a delicadeza que nos dispensou, communicandonos a eleição da directoria que funcionará de Julho a Dezembro do corrente anno.

DECIFRAÇÃO

Teu brilhante logogripho
Meu sympathico Alter-ego,
Poz-me a cabeça oscalduda
E quasi que floo cego!

Porem depois do luctar
Com o tal bicho, todo dia,
Pôde afinal encontrar
A tal bebida:—AMBROSIA!

A. Z. V. Dinho

Logogriphos

Ao auctor do *ambrosia*
publicado no 2º n. do ALBUM.

Sob os ramos verdejantes—6,5,2,3,4,1
De copado arbustivo—4,5,6,*7,4,1
Desferia terno canto—8,4,7,1
Um mimoso pastarinho—6,1,3,7,8

Uma ave barulhenta—8,4,1,4,8,
Que peito d'elle pensara
Combinou um tal zunido—1,6,6,5,3,7,5
Q'ao cantar atrapalhara.

E o pequeno passarinho
Com recio desta ave,
Foi posar n'um galho em flor
Gozando um cheiro suave.

Alino LISSIO

Ao heroe do *Ambrosia*

A bebida que tomaste,—*9,*4,7,2,8,6
Tão doce, exquélita e rara—3,5,6,7,8,2
Ao matar tamanho *Bicho*—2,3,6,8,2
Inda ninguem à provára.—9,7,8,9,*2,5,6

Eu fui busca-la no Olympo;—8,9,2,7,6
Vê tu, pois, que ouzadia,—2,5,6,4,1,4
Que trabalho, ue canceira,—3,6,*8,2,4
Não deu-me a tal *ambrosia* ?!

E p'ra mais espanto teu:
A bebida original—2,7,*9,7,4
E' manjar delicioso—3,4,*4,2
E planta medicinal.

Alter-ego

A' futura «Associação dos Empre-
gados no Commercio» d'esta capital,
como gratos pela gentileza que nos
concedeu, communico-nos a elei-
ção da sua primeira directoria á qual
auguramos perfeito exito no desem-
penho de suas funcções.

A Fada do Mystério

Era uma noite de inverno! A vira-
ção passara resfriada sacudindo o or-
valho por entre a ramagem escura
dos cypretes, e a lua, enfiando seus
raios morbidos por entre os nevoeiros
que cobriam a terra com seu manto
cor de cinza, derramava um clarão
embaciado e mixto sobre as malhas
denegridas de um templo!

Em suas escadas de pedras lumi-
nozas e frias permaneciam dous vul-
tos de pé: um mancebo e uma vir-
gem.

—Ouve-me, é um minuto só que te
peço, dizia o adolescente arrebatado
e livido de emoção procurando reter
a sylphide vaporosa que se esquivava
a seus rogos!

Ella era como uma dessas vizões
dos contos de Hoffman, como a som-
bra de Blanca resvalando á furto em
noite de luar por entre as galerias

Coração trahido

Ao João AMORIM

Meu coração, agora que trahido
Choras a ausencia do praser de outr'ora,
Não vacilles, não tombes do vencido,
Que junto a dôr o gozo não demora

Se trago-te no peito entristecido
Peço, coragem! coração, embora
Sintas-te um ponceo, amigo, dolorido
Vamos, vençamos esta lucta agora.

Esqueçamos o gozo do passado
Que nos tortura, que nos martyrisa,
Coração do praser desaparrado.

Só pensemos agora no que importa,
No allivio da magua que electrisa...
De q' nos serve uma esperança morta?

Passet FIALHO

S. Amorim

Le 14 Juillet

Aujourd'hui tout replet
De joie l'ALBUM s'entille !
Le jour quatorze juillet !
La prise de la Bastille !

Paré de fleurs se décolle
Le monde civilisé,
Parce que ce jour rappello
Des peuples la liberté !

Par cette date suprême,
Comme tout le monde pense,
Nous envoyons d'ici même
Nos compliments à la France !

Saint-PIERRE

fuscas e compridas da solitaria Alham-
bra carpindo as idades de Absennagem.

Na superfície crystallina do seus
magros olhos espalhava-se o brilho des-
malado dos raios da lua; eram seus
labios um lago de rubim onde bolava
perdido um sorriso melancholico;
em seu collo que daria immortalida-
de ao estatuario que reproduzisse no
marmore, descancavam as tranças lu-
zidas de suas madeixas escuras como
uma franja de crepee flos de velludo.

De mais encantos era a pallidez to-
cante e embriagadora de se suas fa-
ces aveludadas; seu rosto era um
crystal onde se reflectia o collorido
sombrio da tristeza!

—Escuta-me, continuava o mancebo,
tu és a alma de minha vida, o per-
fume dos meus sonhos, o echo dos
meus soluços, o deus da minha ora-
ção e, afinal, todos os meus affectos
reunidos em um só!

—Escuta-me: eu nada tenho no mun-
do; um só esperança existe plantada

ESTA FOI BOM

Ao AMENAG

Rosita, era uma bella rapariga.
De olhos castanhos, lindos, amorosos,
Era pobre porem, e muito amiga
Dos prados verdejantes e formosos.

Paulo, era um seu primo e a queria,
Amou antes de vel-a, mul bisonho;
Seu amor cresceu tanto até que um dia
Chegou elle a casar com ella «Eu so-
(nh)»

Rosita sem saber, não desdenhou
Porém tambem coltada, nunca amou
O tal primo que a ella pretendia.

Chega então o Alfredo seu querido
E ao pal dirigindo o seu pedido
«Manda Paulo p'ra outra freguesia!
Açú,—1901.

Maylet SIC

Novos consocios

Entraram para o selo da nossa ag-
gremiação os intelligentes moços
Antonio Medeiros, Alcebades Lisboa e
Francisco Candido de Souza.

Que os distinctos collegas interes-
sem-se pela causa sublime que defen-
demos, é o que esperamos.

Recebemos do illustre 1º secretario
do "Instituto Litterario 2 de Julho"
em Mossoró, um officio communican-
do-nos a eleição e posse da directoria
que dirigirá os fins do mesmo Instituto
no 4º anno social.

Agradecendo a honra que nos des-
pensou, auguramos ao "Instituto Litte-
rario 2 de Julho", mil prosperidades.

no meu coração, cultivada com as mi-
nhas lagrimas e crescida com as mi-
nhas afflicções; da flor de teus labios
deixa cahir sobre ella uma só gotta de
orvalho! Nada tenho no mundo; sou
como a avezinha que se transviou do
ninho por noute escura de tempestade,
e que vaga sem destino por entre os
rochedos escavados onde rebenta o
trovão, resplandece o ralo e sibila
a ventania. Tu és a arvore onde me
abrigo da chuva, o anjo de minha soli-
dão e o meu talisman nesta vida!

Eu seré a haste em q' vicejarás flor!
Minh'alma o sacrario de teus pensa-
mentos, virgem! Minha vida o firma-
mento em que scintillarás, estrella!
Meu amor a lyra de tuas canções har-
moniosas, anjo.

Ella era muda, mysteriosa e triste!

Continua